

O USO DA TRADUÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Maria Cristina Keller¹

1 INTRODUÇÃO

A tradução embora banida pelo chamado Método Direto das salas de aula de língua estrangeira (LE), volta a ser cotejada novamente como uma quinta habilidade a ser ensinada pelos professores. Contudo, antes de explanar acerca da tradução, como técnica didática, e não como um método, na Linguística Aplicada ao ensino de LE, far-se-á rapidamente uma breve explicação existente entre técnica/atividade, abordagem e metodologia, devido à concepção errônea que permeia entre professores. Em seguida, pontuar-se-á sobre a importância do uso e desenvolvimento da habilidade de tradução na sala de aula e por último algumas atividades serão apresentadas. No espírito dessa proposta, este trabalho se apóia nos princípios e estudos de autores como Almeida Filho (1993), Atkinson (1987), Costa (1998), e Leffa (1988) para assim descrever, argumentar e por fim circunscrever o espaço da tradução no ensino de LE.

2 ABORDAGEM, MÉTODO E ATIVIDADE

Pressupõe-se que o professor ao chegar à sala de aula apóia e articula a sua didática no tripé formado pela abordagem, método e técnica/atividade e, portanto, tenha se apropriado desses conceitos. Porém, muito ainda há de se discutir para que esses conceitos não sejam confundidos e percebidos por iguais pelos professores, aqui, em especial de LE.

Leffa (1988, p. 212) considera *abordagem* como “o termo mais abrangente [que método] a englobar os pressupostos teóricos acerca da língua e da aprendizagem”. Ainda para o autor, “as abordagens variam na medida em que variam esses pressupostos”. Para Almeida Filho (1993, p. 12), a abordagem de ensino “imprimida a um processo de ensino manifesta-se a partir de três de seus componentes constitutivos,

¹ Docente do Curso de Letras da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

quais sejam, as concepções de língua/linguagem/língua estrangeira, de ensinar e de aprender uma nova língua”. Ou seja, a abordagem descreve um modo de ‘aproximar’ um discente de uma dimensão específica da educação linguística (neste caso a língua estrangeira), mostra os objetivos didáticos e propõe métodos para se alcançar as finalidades e os objetivos.

Já o método, para Almeida Filho (1993), remete ao material didático ou a um conjunto de procedimentos de ensino, como o uso de tecnologias, portanto pressupõe-se que os métodos de ensino são orientados por um conjunto de ideias sobre o que é a língua.

Uma técnica é uma atividade, um exercício criativo de manipulação que busca a fixação da língua, baseada em situações a serem resolvidos usando a LE. Concisamente explicando, as técnicas podem ser coerentes ou incoerentes em relação ao método e à abordagem, e, eficazes ou ineficazes em relação aos objetivos didáticos (ALMEIDA FILHO *op. cit.*). Será com o olhar na técnica que se apresentará atividades de tradução para o ensino de uma LE, neste caso o inglês. Para tanto, doravante usar-se-á o termo atividade didática.

2.1 A tradução como atividade didática

Antes de buscar a tradução como técnica didática, faz-se primeiramente necessário distinguir entre tradução oral e escrita. Segundo Costa (1998), a tradução oral em sala de aula é um meio eficaz para explicar o significado das palavras quando não é possível fazer de modo diferente (com frases exemplos, mímicas ou gravuras). Vale ressaltar que atividades envolvendo a tradução, não devem ser confundidas com meros exercícios de tradução nos quais o único comando do professor está relacionado ao uso do dicionário por parte do aluno, levando-o a enfadonha prática de apenas buscar por palavras novas no dicionário sem nenhum objetivo e pouca ou nenhuma contextualização. O resultado desta prática aparece na desastrosa concepção e cristalização dos alunos sobre aprender uma LE, especialmente em escolas de ensinos fundamental e médio, qual seja: aprender uma LE resume-se a gramática e tradução.

Em contrapartida, a tradução percebida como uma técnica didática, adequadamente

apropriada e utilizada dentro de um método específico (adotado pelo professor), pode favorecer a aquisição de uma língua. Os benefícios podem ser elencados desde a diminuição do filtro afetivo (KRASHEN, 1987) até o desenvolvendo de uma maior autonomia e maior competência metalinguística e cultural. Para Atkinson (1987) o hábito de traduzir na própria língua é uma estratégia preferida pelos estudantes, e deve ser considerado um fenômeno natural, inevitável e apropriado no processo de aprendizagem de uma LE:

[...] aprendizes inevitavelmente (e mesmo de forma inconsciente) tendem a comparar a estrutura ou itens lexicais da língua alvo com equivalentes na língua materna, independentemente se o professor oferece ou permita a tradução (p. 351). [Minha tradução]².

Ora, essa tendência natural deve ser estimulada, e não esquecida, por meio de atividades apropriadas, sendo acionada e valorizada em situações específicas em que a língua materna (LM) e LE possam coexistir e emergir, já que o aluno de uma LE nunca deixará de buscar por paralelos lingüísticos em sua LM durante a apropriação de novos saberes.

Segundo os estudos de Atkinson (1987; 1993) muitos docentes percebem a validade da tradução oral especificamente em três situações específicas, a saber: na comunicação docente-discente; na relação docente-discente; e na própria aprendizagem do aluno. O autor descreve e categoriza essas situações específicas em sala de aula para: (a) explicar o significado de uma palavra mediante a tradução; (b) controlar a compreensão de uma estrutura da LE na LM; (c) estimular os estudantes a darem a tradução de uma palavra, como controle de sua compreensão; (d) esclarecer o vocabulário dando o equivalente na LM; e por último (e) para dar instruções que dizem respeito a uma atividade na LM, otimizando a comunicação entre docente e estudante.

Todas essas formas, anteriormente colocadas, estimulam a reflexão sobre possíveis significados e formas de uso de uma palavra em contextos variados, levando o aluno a compreender e refletir sobre similaridades e diferenças entre as línguas. Vale ressaltar que a interferência da LM na aprendizagem de uma LE foi posta em cheque no fim dos anos 60 com a Análise Contrastiva. Conforme essa concepção, o fato do aluno

² [...] learners will inevitably (and even unconsciously) attempt to equate a target language structure or lexical item with its closest or most common correlate in the mother tongue, regardless of whether or not the teacher offers or 'permits' translation (p. 351).

já ter aprendido uma língua, ou seja, de ter competência linguística e habilidades metalingüísticas prévias da LM, contribui com elementos sobre os quais a tradução pode atuar positivamente, já que são acionados a todo o momento durante as atividades de tradução.

Finalmente, outra razão para atividades de tradução é quanto a sua utilidade para verificar a competência do aluno quanto a sua compreensão de vocabulário, sintaxe e expressões idiomáticas da LE.

3 O ESPAÇO DA TRADUÇÃO NA SALA DE AULA

Atkinson (1987, p. 241) alega que o uso equilibrado da tradução em sala de aula depende de vários fatores que englobam desde a experiência prévia do aluno até seu nível de conhecimento na LE. O autor apresenta uma lista de sugestões para o uso apropriado da tradução em uma sala de aula, as quais algumas são apresentadas a seguir:

1. Para esclarecer um assunto linguístico recém-abordado;
2. Para verificar o sentido: no caso em que os estudantes escrevam ou digam algo na LE que não faça sentido, devem tentar traduzir a expressão na LM para dar-se conta do seu equívoco;
3. Para verificar o domínio de formas e significados;
4. Para desenvolver estratégias perifrásticas: quando os alunos não sabem como dizer algo na LE, devem encontrar formas alternativas para dizer a mesma coisa na LM e então retomar a LE.

Atkinson (*op.cit*) finaliza apontando os benefícios mais evidenciados do uso equilibrado da tradução, quais sejam: a tradução remete o aluno à reflexão sobre o significado das palavras dentro de um contexto, diferentemente de exercícios estruturais e o uso da tradução permite aos alunos a pensar ‘comparativamente’. Essa comparação entre as duas línguas os leva a ter uma consciência maior acerca das diferenças e a evitar grande parte dos erros mais comuns na LE.

Auerbach (1993) sugere também algumas ocasiões para se utilizar a LM em sala de

aula como na apresentação de pressupostos da gramática, fonologia, morfologia e a ortografia; discussão de assuntos interculturais e na explicação de erros e avaliação entre outros.

Desta forma, as atividades que envolvem a tradução escrita ou oral podem ser usadas para estimular os estudantes a assumir riscos e estabelecer um novo olhar sobre a LE. É uma forma de estimular os alunos a acionarem sua competência lingüística para superar suas dificuldades, utilizando-se de todas as estruturas linguísticas, gramaticais e semânticas que já conhecem. A atividade tradutória, ainda que breve, pode contribuir para dar novo ritmo à aula, trazendo aspectos reais do uso da LE e que podem contribuir para experiências na vida profissional ou pessoal, durante o uso de redes sociais, busca de informações *online* ou em momentos de estudo e pesquisa.

4 ATIVIDADES DE TRADUÇÃO

Apresentam-se a seguir quatro propostas de atividades sugeridas por Atkinson (1987):

1. Correção de tradução equivocada: o professor apresenta textos com palavras traduzidas de forma equivocadas para que os alunos as analisem e corrijam. Essa atividade pode ser feita com a tradução de expressões comuns, até em níveis mais avançados, com a finalidade de analisar aspectos específicos da LE.
2. Consolidação de estruturas gramaticais mediante traduções: este tipo de exercício dá ao aluno mais confiança em uma área específica da gramática, no vocabulário ou no uso de qualquer função da língua que tenha estudado. O professor pode escrever/apresentar um texto na LM, cuja tradução para a LE inclua certo número de estruturas que testem uma área específica de dificuldade.
3. Comparação de versões diferentes (disponibilizadas pelo professor ou escritas pelos alunos): esse tipo de atividade pode estimular os estudantes a considerar o contexto, cuidando do significado social (pragmático) das palavras e das frases escolhidas. Essa atividade ajuda os alunos a desenvolverem a habilidade da tradução percebendo as diferenças entre a LM e a LE.
4. Interpretar na sala de aula: o docente ou alunos criam um diálogo entre um

falante da LE e outro da LM. Os alunos devem atuar como intérpretes nas duas línguas, praticando, assim, uma atividade mais próxima de uma experiência real.

Para Romanelli (2006, p. 5) a tradução escrita trata-se de uma técnica didática favorável para averiguar “a competência de escrita do aluno e pode ser necessária para testar sua compreensão de vocabulário, sintaxe, expressões idiomáticas, uso de diferentes registros”. O autor sugere também como atividade a comparação de várias traduções para que os próprios alunos justifiquem suas escolhas e critérios adotados.

Buscando ainda uma maior aproximação entre o aluno e o uso da LE, há de se pensar em atividades que possam ser utilizadas por meio de redes sociais e sistemas de tradução *online* como o *Google*, conhecido mundialmente e que permite a tradução instantânea de textos escritos em mais de 52 idiomas. Acredita-se que em dez anos o número de línguas contempladas já chegue a 250.

Para que o professor possa ter como aliado essa ferramenta, basta buscar por outros elementos não menos atraentes para os alunos como música, jogos *online*, redes sociais e *sites* com produtos disponibilizados e de interesse dos alunos, conforme a faixa etária. As atividades sugeridas abaixo podem ser feitas em laboratórios de informática nas escolas ou podem ser designadas como tarefas.

1. Excerto de uma letra de música para que os alunos possam fazer a tradução a partir do uso do *Google* para posteriormente compararem e refletirem com as diferenças encontradas nas traduções utilizadas em *sites* específicos de letras de música e vídeos. Desta forma os alunos podem analisar as duas línguas focando nas suas dessimetrias e nos seus paralelismos.
2. Disponibilização em inglês de informações sobre como instalar um *software* de um determinado jogo, por exemplo, do Super Mario encontrado no *site* abaixo:
www.ehow.com/how_7668676_set-players-mario-kart-wii.html. Com este tipo de atividade, o professor pode trabalhar com estruturas gramaticais como “imperativo” fazendo uma comparação desta estrutura com a LM. A aula pode assumir outra proporção se alunos e professor também buscarem confrontar a cristalização do estrangeirismo no Brasil e a falta de equivalentes na LM ou em alguns casos na LE.

Os exemplos acima colocados são apenas uma pequena amostra do que o professor pode fazer e ofertar para seus alunos em relação a tradução *online*, com seus acertos e desacertos. Muito há de se usufruir da tradução. O campo de atividades focado em *corpora* paralelos português-inglês, apenas para exemplificar, encontra-se vasto e quase inexplorado por professores pesquisadores. Sendo que partir de novas pesquisas compartilhadas estar-se-á contribuindo para que as aulas de LE assumam uma nova dinâmica em relação a tradução.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tradução vista e entendida por professores sem os ranços da tradução, como apenas uma forma de aquietar e calar o aluno com o seu dicionário, pode ser uma grande aliada e se estabelecer de fato como uma quinta habilidade a ser desenvolvida em aulas LEs. Contudo, isso pressupõe sua utilização de forma cautelosa e responsável e para tanto há de se buscar por atividades que levem em consideração certas especificidades do ensino da LE, como objetivos e nível semântico do grupo de alunos.

A partir do momento que a tradução se faz importante para vários setores da sociedade desde entretenimento até a própria academia, deslumbra-se a necessidade de professores pesquisadores buscarem por aparatos que sustentem a sua permanência e credibilidade como quinta habilidade a ser desenvolvida nas aulas de LEs. Porém, não como o único alicerce para ato tão complexo de ensinar uma LE, mas que se estabeleça como uma peça crucial na engenharia do ensino e aprendizagem de uma LE, despertando assim o interesse dos alunos e quiçá possam se embrenhar na legendação, ou tradução livre ou ainda trabalhar como intérpretes.

Vale ressaltar que traduzir é uma arte e, portanto, o professor ao oferecer aos alunos atividades de tradução pode estar proporcionando um momento único em suas aulas; onde a curiosidade e sensibilidade do aluno caminham juntas para inferir, comparar, entender e decifrar as várias formas de se dizer a mesma coisa, mas de forma diferente.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATKINSON, D. The mother tongue in the classroom: a neglected resource? *ELT Journal*, vol. 41/4 October, 1987, pp. 241-7.

_____. *Teaching Monolingual Classes*. Essex: Longman Group UK Limited, 1993.

ALMEIDA FILHO, J.C.P. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. Campinas, SP: Pontes, 1993.

AUERBACH, E. R. Reexamining English Only in the ESL Classroom. *Tesoul Quarterly*, Vol. 27, No. 1, Spring 1993, pp. 9-30.

COSTA, W. C. Tradução e ensino de línguas. In BOHN H. I. - VANDRESEN, P. *Tópicos de Lingüística Aplicada ao ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988, pp. 282-91.

LEFFA, Vilson J. Metodologia do ensino de línguas. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. *Tópicos em lingüística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 211-236.

ROMANELLI, Sérgio. Traduzir ou não traduzir em sala de aula? Eis a questão. In: *Revista Inventário*. 5. ed., fmar/2006. Disponível no web world wide em: <http://www.inventario.ufba.br/05/05sromanelli.htm>.

KRASHEN, Stephen D. *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. Prentice-Hall International, 1987.